



Carta Aware

JANEIRO 2025

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Uma Nova Era (?)

O 47º presidente da trajetória norte-americana e sua trupe barulhenta transmitiram ao mundo suas credenciais e tal qual uma maritaca fez-se entender que, no tangente ao seu alcance, hei de haver uma face há muito não vista da narrativa patriota estadunidense, carregando em si pautas conservadoras, odiosas ao que não começar com a sigla USA, declarações apoteóticas no espectro do extermínio e imersas no folclore da reconquista de uma soberania global aquém de qualquer questionamento.

Entre tarifas, sanções, retrocessos diplomáticos, retirada de acordos estratégicos, fragilizações do sistema democrático e ruína interna da sociedade civil, eis o primeiro triunfo da dinastia Trump 2.0: o Golfo agora é da América!

Nos deleitaremos em breve com a parte norte do continente integralizada e o “Canal da América”?

Suas primeiras medidas de governo sugeriram um retorno ao protecionismo, com a promessa de novas tarifas de 10% sobre produtos chineses e 25% sobre mercadorias do México e Canadá. E, de fato, fez como prometido, e as taxações balançaram os mercados mundiais.

No mundo tech, os maiores empresários de tecnologia foram os convidados VIP da posse de Donald e assistiram à cerimônia de camarote. Isso sinalizou uma reaproximação do governo Trump com as *big techs*, contrastando com o tom mais agressivo adotado em sua campanha. Na mesma semana, foi anunciado o projeto Stargate, um plano bilionário para infraestrutura de AI que promete consolidar a supremacia americana no setor. O que o presidente não esperava, nem ninguém, era que a China responderia ao lançamento com o anúncio da DeepSeek, uma IA generativa de menor custo e competitividade questionável, que causou volatilidade no mercado de tecnologia.

Enquanto isso, na política monetária, o Federal Reserve resolveu ir com calma, mantendo os juros entre 4,25-4,50% e sem pressa para ajustes, como ficou mais que claro nas 5 vezes em que isso foi repetido na coletiva. O mercado, que até então apostava em um corte em março, passou a precificar essa possibilidade apenas para junho.

Também, os dados do JOLTS indicam que a demanda por mão de obra nos EUA começa a esfriar. O número de vagas de emprego caiu em 556 mil em dezembro, chegando a 7,6 milhões, abaixo das expectativas do mercado. Isso sinaliza uma desaceleração do mercado de trabalho e confirma, novamente, a necessidade de cautela do FED na condução da política monetária.

Tal ajuste está de acordo com a divulgação de dados da atividade econômica do mês anterior, reforçando essa postura cautelosa. O CPI de dezembro, principal indicador de inflação dos Estados Unidos, fechou o ano em 2,6%, como já era esperado. O índice de gerentes de compras (PMI) de serviços dos EUA caiu de 56,8 em dezembro para 52,9 em janeiro, ficando ligeiramente abaixo das expectativas do mercado. O PMI composto, que engloba serviços e indústria, também recuou de 55,4 para 52,7, mas superou a leitura preliminar. Segundo a S&P Global, esse resultado reflete um crescimento mais lento da atividade de serviços, compensado por uma retomada da produção industrial.

Europa

Na Europa, Trump também é motivo de preocupação.

A incerteza quanto à postura do presidente americano e a possibilidade de barreiras comerciais amedrontam a Europa, que já tem a sua parcela de problemas domésticos para se preocupar.

Devido às instabilidades no bloco, o BCE tem agido com maior cuidado nas suas decisões de política monetária. Dessa vez, não foi diferente. Anunciou o quarto corte consecutivo de 0,25 ponto percentual, para 2,75%, na sua taxa de juros, seguindo reduções anteriores que ocorreram em outubro, novembro e dezembro de 2024, com o objetivo de que a inflação retorne à meta de 2% ao longo de 2025. Assim, o bloco espera recuperar sua força e confiança, o que parece já estar surtindo efeito. O PMI da zona do euro mostra sinais de estabilização, tendo subido para 50,2 em janeiro, em comparação com 49,6 de dezembro, de acordo com a S&P Global. Será que finalmente as coisas voltarão a andar na Europa?

Esses foram anos difíceis para a União Europeia. Não passam despercebidos os desafios que tem enfrentado para manter sua relevância econômica em um cenário global cada vez mais competitivo. Enquanto os Estados Unidos e a China avançam em setores estratégicos, como tecnologia, inteligência artificial e energia renovável, a Europa ficou para trás e agora precisa lutar para acompanhar o ritmo, apesar do seu ambiente regulatório mais rígido, burocracia e investimentos limitados em inovação.

Essa foi a motivação para que a Comissão Europeia lançasse o "Competitiveness Compass" em janeiro, para que assim a UE pudesse competir de igual para igual com as duas maiores economias globais. O plano inclui medidas para apoiar a transição energética, flexibilizar regulações empresariais e revisar as regras de concorrência para incentivar a formação de "campeões europeus". A implementação dessas diretrizes será fundamental para determinar o impacto real na economia do bloco.

Reino Unido

O UK começou 2025 com sinais de desaceleração econômica, refletidos na queda da inflação para 2,5% em dezembro de 2024, abaixo dos 2,6% registrados no mês anterior. Apesar do recuo nos preços, a inflação ainda permanece acima da meta de 2% do Banco da Inglaterra (BoE), o que gera debate sobre o ritmo de flexibilização da política monetária nos próximos meses. Para fevereiro, as expectativas são que o Banco da Inglaterra realize corte de juros, especialmente após a decisão de manter a taxa em 4,75% na última reunião, em dezembro.

Para 2025, o FMI prevê um crescimento de 1,6% para o Reino Unido, posicionando-o como a terceira economia de crescimento mais rápido entre os países do G7.

Europa

Alemanha

Quando o assunto é a perda de protagonismo da Europa no cenário internacional, não podemos deixar de falar da Alemanha.

A maior economia do bloco europeu vem tendo dificuldades para se recuperar desde a pandemia. Apesar do PMI indicar uma leve recuperação no setor manufatureiro, subindo de 51,2 em dezembro para 52,5 em janeiro, o setor, que colocava a Alemanha como uma das 3 maiores potências industriais do globo, continua em contração desde maio de 2022. Além disso, o relatório anual do Ministério da Economia revisou para baixo a projeção de crescimento alemão, estimando uma expansão modesta de apenas 0,3% para este ano, refletindo a fragilidade da recuperação econômica do país. Ao mesmo tempo, a inflação de janeiro permaneceu dentro das expectativas, registrando 2,8%, reforçando o cenário de crescimento estagnado.

O país, além de enfrentar incerteza econômica, também encara uma crise política. A demissão do Ministro de Finanças Christian Lindner pelo chanceler Olaf Scholz fez com que este fosse submetido ao voto de confiança no Bundestag. Scholz não recebeu a maioria necessária, o que levou à convocação de novas eleições antecipadas para fevereiro.

Atualmente, as pesquisas indicam uma vantagem para a União Demócrata Cristã (CDU), liderada por Friedrich Merz. No entanto, a recente colaboração de Merz com o partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD) em propostas de endurecimento das leis de imigração gerou controvérsias e pode influenciar as dinâmicas eleitorais.

O resultado das eleições não definirá apenas o futuro político da Alemanha, mas as escolhas do novo governo serão decisivas também para redefinir o equilíbrio de poder na Europa e a posição do continente no cenário global.

França

A economia francesa desacelerou no último trimestre de 2024, com o seu PIB encolhendo 0,1%. Ao que parece, o gás dos Jogos Olímpicos não durou muito. O efeito pós-evento, sediado na metade do ano em Paris, esfriou e as incertezas fiscais voltaram à cena, deixando o crescimento sem fôlego. No acumulado do ano, a França ainda fechou com alta de 1,1%, mas manter esse ritmo em 2025 será um exercício de resistência. Segundo o Banco da França, a previsão de crescimento econômico do país em 2025 foi revisada para 0,9%.

Europa

Espanha

A Espanha seguiu na contramão das dificuldades europeias e foi a grande estrela do bloco, apresentando o melhor desempenho entre as principais economias da zona do euro. Obteve um crescimento de 0,8% no quarto trimestre de 2024, resultando em uma expansão anual de 3,2%. O turismo e a demanda interna foram os motores desse crescimento e devem continuar segurando as pontas em 2025. Também, o número de pessoas desempregadas na Espanha aumentou em 38.700, menor do que o esperado, já que as projeções apontavam para um aumento de 55.000.

Ásia

China

O PIB chinês cresceu 5% em 2024, atingindo a meta anual do governo. O resultado foi impulsionado por uma aceleração no último trimestre, após o lançamento do maior pacote de estímulo desde a pandemia de Covid-19. As medidas, uma combinação de flexibilização monetária, aumento do crédito, incentivos ao consumo e medidas de suporte ao setor imobiliário, ajudaram a fortalecer a economia e restaurar a confiança dos investidores, mas às custas do pesado investimento estatal e, possivelmente, da alavancagem excessiva das instituições financeiras.

O crescimento foi sustentado pelo setor industrial e pelo consumo. A produção industrial de valor agregado cresceu 5,8% em 2024, enquanto as vendas no varejo aumentaram 3,5%, atingindo 48,79 trilhões de yuans, o equivalente a US\$ 6,79 trilhões. O setor de serviços também apresentou avanço significativo, crescendo 6,2% no ano. O consumo foi impulsionado pela política governamental de troca de veículos antigos por novos e pelo aumento das vendas das 100 maiores incorporadoras imobiliárias em dezembro.

Um dos maiores destaques do mês de janeiro, e a grande surpresa que balançou o mundo tech, foi a criação da DeepSeek, nova aposta chinesa em IA. O modelo chinês tem menor custo operacional e utiliza chips menos potentes e mais acessíveis, além de adotar a estratégia de código aberto, permitindo a colaboração de desenvolvedores do mundo todo. A DeepSeek representou um choque para as gigantes da tecnologia, sugerindo que a China pode avançar rapidamente no setor de IA sem depender da infraestrutura dominada pelos EUA. A reação do mercado foi imediata: as ações de *big techs* americanas caíram com receios de que a inovação chinesa pudesse desafiar o posicionamento e reduzir a vantagem competitiva das empresas ocidentais.

Ásia

China (cont.)

No entanto, a falta de clareza sobre seu financiamento e capacidade real de competir em escala global levanta dúvidas sobre sua influência de longo prazo, além de poder acelerar novas sanções ou até mesmo proibições no uso de modelos chineses nos EUA e na Europa.

Uma das principais apostas da China para ampliar sua influência global é a Nova Rota da Seda, um projeto voltado para investimentos em infraestrutura, logística e desenvolvimento. Seu objetivo é conectar economicamente a Ásia, a Europa, a África e a América Latina e envolve a construção e modernização de portos, ferrovias, rodovias, oleodutos, redes de telecomunicações e zonas industriais, criando novas rotas comerciais e fortalecendo a posição chinesa no comércio global.

Como parte dessa estratégia, em 2017, firmou um acordo com o Panamá, fortalecendo laços com um país que controla um dos corredores comerciais mais estratégicos do mundo: o Canal do Panamá. No entanto, com o retorno de Trump à Casa Branca, o presidente panamenho José Raúl Mulino decidiu retirar o compromisso do país com o acordo com a China, sob as ameaças de uma intervenção americana caso a influência chinesa no canal se mantivesse.

Isso mostra um distanciamento de Pequim e uma reaproximação com Washington. A mudança reflete não apenas o peso da influência americana na região, mas também a nova dinâmica geopolítica sob liderança de Trump, que já deixou claro seu objetivo de conter a expansão chinesa no Ocidente.

Japão

O Banco do Japão elevou a taxa básica de juros de 0,25% para 0,5% ao ano, o terceiro aumento em um ano e atingindo o nível mais alto desde 2008.

A decisão do BoJ leva em consideração o lucro das empresas e o mercado de trabalho aquecido, que contribuem para a expectativa de aumento dos salários pelas empresas em 2025. Os salários serão discutidos na negociação anual entre os sindicatos empresariais e os empregados conhecida como Shunto, que deve ocorrer entre fevereiro e março.

O ajuste também se deu pelo aumento da inflação no país, que em dezembro do ano passado alcançou 3,6%, superando a meta de 2,5% definida para 2026. Assim, o presidente do BoJ, Kazuo Ueda, indicou que novos aumentos podem ocorrer caso a inflação continue a se aproximar da meta.

No quarto trimestre de 2024, a economia japonesa registrou um crescimento anualizado de 1,0%, marcando o terceiro trimestre consecutivo de expansão. Esse desempenho foi impulsionado principalmente por um aumento de 1,0% nos investimentos empresariais, que compensou a queda de 0,3% no consumo privado, afetado pela diminuição do poder de compra das famílias devido à redução dos salários reais.

Ásia

Índia

A inflação ao consumidor na Índia em janeiro recuou para 4,31%, o que permitiu que o Banco da Reserva da Índia (RBI) reduzisse os juros de 6,5% para 6,25%. Seu objetivo era impulsionar a economia, mas o efeito observado foi contrário: o crescimento desacelerou, com projeção de 6,4% para o ano fiscal, a menor taxa em quatro anos, refletindo um setor manufatureiro mais fraco e a redução nos investimentos corporativos. Além disso, o PMI composto caiu para 57,9, sinalizando o ritmo mais lento de crescimento em mais de um ano, com destaque para a fraqueza no setor de serviços.

No cenário global, os preços do petróleo Brent ultrapassaram os US\$ 81 por barril após novas sanções dos EUA à Rússia, o que pressiona os maiores importadores de energia, como a Índia, que tem se beneficiado do petróleo russo com descontos desde 2022. Com as restrições impostas a Moscou, a Índia pode precisar buscar novos fornecedores ou renegociar condições comerciais. A volatilidade no preço do petróleo e das commodities influencia não apenas as políticas domésticas, mas também as estratégias internacionais do governo indiano.

América Latina

Argentina

Melhores amigos?

Se alguém ficou feliz com a reeleição de Trump, esse alguém foi Javier Milei. O presidente argentino já se mostrava grande admirador do americano, além de alinhado com suas ideologias de nacionalismo e extrema-direita. E essa afinidade foi rapidamente retribuída: Milei foi o primeiro líder estrangeiro a encontrar Trump após sua vitória em novembro e recebeu elogios por estar, segundo o americano, tornando a Argentina "grande de novo".

A relação entre os dois líderes não é apenas simbólica. Milei já deixou claro seu objetivo de estreitar os laços comerciais com os Estados Unidos, afirmando que consideraria deixar o Mercosul para fechar um acordo de livre comércio com Washington. Milei se lamenta pelo frustrado tratado da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), proposto pelo presidente George H. W. Bush na Cúpula das Américas, em 2005, e tem a intenção de reverter essa história e buscar uma maior aproximação com os EUA.

Uma das principais bandeiras de Milei é o combate à inflação. Mirando o seu recuo gradual, o Banco Central da Argentina realizou mais um corte na taxa básica de juros reduzindo-a de 32% para 29% ao ano, o nono corte consecutivo desde que o liberal assumiu a presidência há 1 ano. Com isso, a Argentina deixou de ter o maior juros real do mundo, caindo para a 3ª colocação no ranking, ao reduzir a taxa de juros real do país de 9,36% para 6,14%. Agora, quem assumiu a liderança foi o Brasil, dono do maior juros real do mundo. Enquanto a Argentina acelera o ciclo de cortes, o Brasil segue aumentando sua taxa de juros, garantindo seu lugar no topo do pódio, mostrando que, pelo menos nisso, ainda somos competitivos.

América Latina

Chile

O Chile aprovou uma reforma da previdência, a grande promessa de campanha do presidente Gabriel Boric, meses antes das próximas eleições, mas nas quais não pode ser reeleito devido à nova norma votada em 2022 pela nova Constituinte Chilena.

A reforma é uma demanda dos chilenos, que estão insatisfeitos com a remuneração paga aos aposentados. Metade dos 600 mil aposentados no país recebe menos que um salário mínimo. Ela estabelece um sistema misto de previdência, combinando elementos públicos e privados e uma das principais mudanças é a introdução de uma contribuição obrigatória por parte dos empregadores, que será incrementada gradualmente de 1,5% para 8,5% ao longo de nove anos. Os trabalhadores continuarão contribuindo com 10% de seus salários para suas contas individuais. Além disso, a reforma prevê o aumento da Pensão Garantida Universal (PGU) e a criação de um seguro social contributivo, visando melhorar as aposentadorias dos chilenos.

Também esse mês, o Banco Central chileno manteve a taxa de juros inalterada no patamar de 5%, devido à percepção de maior risco de crescimento da inflação em meio ao cenário de incerteza atual.

México

A inflação anual atingiu 3,59% em janeiro, abaixo da previsão de 3,7%, o menor nível desde 2021. Este é o terceiro mês consecutivo de queda na inflação, e parece que o Banco do México está levando a sério a missão de controlar os preços, já que essa foi a quinta redução seguida nos juros, agora em 9,50%.

A economia mexicana está tentando encontrar o equilíbrio entre crescimento e responsabilidade fiscal: o governo definiu uma meta de crescimento entre 2% e 3% para 2025, enquanto busca reduzir o déficit fiscal para 3,2% do PIB, bem abaixo dos 5% do ano anterior. O plano inclui investimentos pesados em infraestrutura e programas sociais, e a expectativa é que setores como tecnologia, manufatura e logística sejam os motores desse crescimento.

A administração do recém eleito presidente dos EUA, Donald Trump, designou seis cartéis mexicanos como organizações terroristas, dentre eles os famosos Cartel de Sinaloa e Cartel Jalisco Nova Geração. Essa jogada coloca o narcotráfico como uma questão de segurança nacional para os EUA, abrindo caminho para possíveis ações militares contra esses grupos, o que preocupa o México em relação a possíveis violações da sua soberania.

Brasil

Ano novo, vida nova, mas sempre a mesma história. Em janeiro, o Brasil iniciou seu ano pré-eleitoral, um período marcado pela incerteza tanto no cenário político quanto econômico. As dúvidas persistem sobre os rumos da liderança política em seu penúltimo ano de mandato e sobre a condução da política fiscal, que continua gerando apreensão no mercado.

Tais fatores refletem nos principais indicadores econômicos, como o índice de inflação oficial, o IPCA, que, em dezembro, ficou bem acima do mês anterior. Segundo o boletim FOCUS, a expectativa do mercado para a inflação nos próximos dois anos subiu para 5,5% em 2025 e para 4,2% em 2026, altamente impactada pelo aumento dos preços de alimentos e bebidas.

Esse fator gerou preocupação no Banco Central, que decidiu aumentar em 1 p.p. a taxa básica de juros, alegando que essa é a melhor estratégia para o controle inflacionário e mirando ancorar as expectativas em um horizonte de tempo relevante. Gabriel Galípolo sinalizou outro ajuste da mesma magnitude na próxima reunião do COPOM, reforçando uma preocupação com uma eventual persistência da alta do dólar, assim como observado nos últimos meses.

Com relação às preocupações fiscais, estas se mantiveram mesmo com a decisão do governo de voltar atrás na revogação das regras de fiscalização para transações via Pix. Isto ocorreu, principalmente devido à arrecadação considerável no ano de 2024 e, mesmo assim, termos conseguido fechar o ano com um déficit primário de R\$11 bilhões, equivalente a 0,09% do PIB. Historicamente, o desempenho fiscal tende a ser pior nos próximos dois anos pelo fato de servir como vitrine eleitoral para líderes que buscam uma possível reeleição, tal como ocorreu com Bolsonaro em 2023-2024 e Dilma em 2014.

A respeito do fluxo estrangeiro que retornou ao Brasil em janeiro, observamos uma recuperação parcial após meses de elevada volatilidade, impulsionada tanto por fatores internacionais quanto domésticos. Ao longo de 2024, o aumento das taxas de juros em economias desenvolvidas, notadamente nos Estados Unidos, reduziu a atratividade dos mercados emergentes, resultando em uma saída expressiva de capital. Ademais, as incertezas fiscais e políticas no cenário interno aumentaram a percepção de risco, contribuindo também para a evasão de investimentos estrangeiros.

Em meio a tantas variáveis, o momento exige cautela, mas também visão estratégica. A capacidade de navegar por esse cenário desafiador será determinante para transformar riscos em oportunidades e garantir a sustentabilidade do crescimento econômico.

Juros & Câmbio

Nos EUA, a manutenção das taxas de juros foi justificada pelo FED devido ao mercado de trabalho aquecido e ao IPC acima da meta, mantendo as taxas entre 4,50% e 4,25%. A curva de juros americana abriu levemente, impulsionada por uma nova percepção sobre a dinâmica da política monetária de Powell, com destaque para a abertura das taxas acima de 10 anos.

No final de janeiro, no Brasil, a curva de juros fechou em todas as pontas. Com a redução da diferença entre as taxas de curto e longo prazo, observamos um movimento de *flattening*, o que indica uma incerteza econômica.

Contudo, esse cenário de incertezas tende a se tornar mais claro ao longo do primeiro semestre de 2025, à medida que as movimentações políticas e econômicas em Brasília se intensificam. As articulações políticas, tanto do governo quanto da oposição, visando as eleições de 2026, não só moldarão as perspectivas para o futuro, mas também indicarão como o atual governo buscará se posicionar na segunda metade de seu mandato.

A respeito do câmbio, o dólar encerrou janeiro em queda, cotado a R\$5,83, refletindo a inflexão do comportamento do fluxo estrangeiro e os sinais de deterioração no cenário global, especialmente após a posse de Donald Trump e o anúncio de novas tarifas comerciais contra o Canadá, México e China. Esse movimento ficou evidente ao observarmos o índice DXY, que registrou uma queda de aproximadamente 5% no mês, influenciada significativamente após o dia 20.

O euro e a libra seguiram a dinâmica do dólar em relação ao real, registrando quedas de 5% e 5,90%, respectivamente, no mês.

Moedas

| | | |
|------------|------|--------|
| Dólar | 5,83 | -5,85% |
| Euro | 6,10 | -5,00% |
| Libra | 7,28 | -5,90% |
| Yuan | 0,81 | -4,83% |
| Iene | 0,04 | -4,07% |
| Lira Turca | 0,16 | -6,51% |

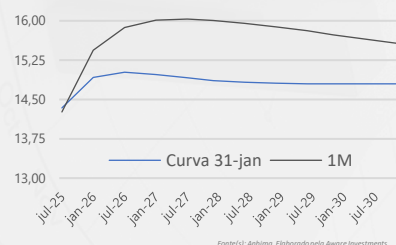
Evolução Dólar



Evolução Ouro



Curva de Juros



Bolsas

O S&P 500 registrou um ganho médio de aproximadamente 1,8%, impulsionado pelo setor tecnológico e de consumo, enquanto o Nasdaq Composite avançou 2,3% e o Dow Jones Industrial Average teve um acréscimo mais modesto de 0,8%.

A volatilidade, medida pelo índice VIX, apresentou picos iniciais, mas estabilizou à medida que dados positivos, como números robustos de emprego e indicadores de consumo, vieram à tona.

Na Europa, o Euro Stoxx 50 teve uma alta modesta de 0,5%, reflexo de reformas estruturais, enquanto o FTSE 100 do Reino Unido caiu 0,7%, impactado por incertezas políticas e fiscais, apesar de alguns resultados corporativos positivos. Setores industriais e de consumo mostraram resiliência em economias como Alemanha e França, impulsionados por estímulos e investimentos em infraestrutura.

Na Ásia, o Nikkei 225 subiu 1,2%, favorecido por expectativas de políticas econômicas expansionistas e maior demanda interna. Já mercados em Hong Kong e no Sudeste Asiático oscilaram devido a desafios na oferta global de semicondutores e commodities.

Entre os mercados emergentes, Índia e Brasil surpreenderam com ganhos entre 2% e 3%, impulsionados por reformas, maior entrada de investimentos estrangeiros e crescimento em setores estratégicos como energia e tecnologia.

Os resultados corporativos, especialmente nos setores de tecnologia, saúde e consumo, superaram expectativas e sustentaram o otimismo.

As comunicações dos bancos centrais, reafirmando o compromisso de combate à inflação sem medidas abruptas, e pacotes de estímulo e investimentos em infraestrutura, ajudaram a manter a confiança dos investidores.

Adicionalmente, a valorização de commodities como metais preciosos e energéticos, juntamente com a estabilidade de moedas fortes como o dólar e o euro, manteve a liquidez nos mercados internacionais.

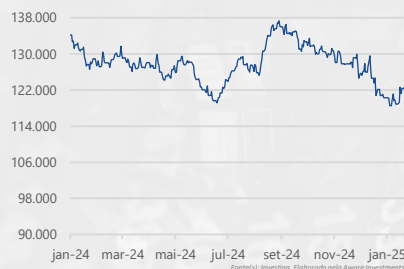
Apesar do cenário positivo, a expectativa para os próximos meses ainda é de volatilidade, diante dos debates sobre política monetária e incertezas geopolíticas, mas os fundamentos para um crescimento sustentável parecem se solidificar.

Assim, janeiro de 2025 consolidou-se como um período de recuperação moderada com os investidores reagindo positivamente aos dados econômicos e aos resultados corporativos, à espera dos próximos desdobramentos no cenário global.

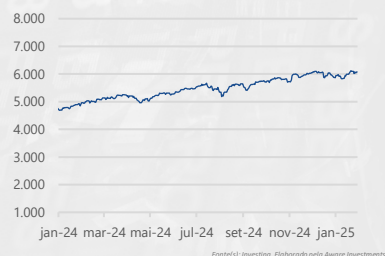
Índices

| | | |
|---------------|---------|--------|
| Ibovespa | 126.913 | 5,51% |
| S&P 500 | 6.071 | 3,22% |
| Nasdaq | 19.682 | 1,92% |
| Euro Stoxx 50 | 5.282 | 8,48% |
| Shanghai | 3.251 | -3,02% |

Ibovespa



S&P 500



Índice EWZ



Perspectivas

E o futuro?

O Brasil segue esperançoso em suas expectativas, mas ainda preso a velhos desafios estruturais que testam a confiança dos investidores. O mercado continuará em ritmo de montanha-russa no curto prazo, com os agentes econômicos equilibrando o otimismo em relação à atratividade dos juros e a apreensão diante das contas públicas. O ciclo eleitoral promete trazer volatilidade, enquanto o Banco Central tende a manter a política monetária firme até que surjam sinais claros de alívio inflacionário. O foco estará na condução fiscal pós-eleições e nas reformas estruturais, se, de fato, saírem do papel.

Nos Estados Unidos, o Reality Show continua, renovado para uma próxima temporada. O segundo mandato de Trump promete ser movimentado. O protecionismo deve tensionar o clima global, enquanto o projeto Stargate intensifica a disputa tecnológica com a China. O mercado estará de olho na economia americana, aguardando sinais de cortes de juros, espera de sinais de cortes de juros, que, se acontecerem, deverão vir apenas depois de junho. O desafio será manter o crescimento sem ressuscitar a inflação.

Na Europa, a dúvida persiste: será uma retomada consistente ou apenas uma ilusão? O BCE deve seguir cortando juros em busca de reanimar o crescimento, mas o cenário político alemão pode atrapalhar. A União Europeia apostará no plano Competitiveness Compass para tentar recuperar relevância global, mas sem avanços reais em inovação, pode acabar apenas como um rascunho ambicioso.

A China, pressionada pela disputa com os EUA, buscará crescimento interno para compensar as barreiras comerciais, enquanto o Japão deve manter o ciclo de alta de juros com foco na inflação. Já a Índia enfrentará o dilema de crescimento moderado versus pressões inflacionárias, com impacto nas suas políticas energéticas.

Na América Latina, a resiliência será testada. A Argentina, sob Milei, continuará seu experimento liberal com risco elevado, enquanto o Chile buscará colher os frutos da reforma previdenciária. O Brasil, protagonista regional, será observado como termômetro para investidores, especialmente se a política monetária finalmente ceder à pressão para cortes.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com